Edison Vara/Ag.Pressphoto



O realizador cearense Allan Deberton com o Kikito de Ouro de Júri Popular conquistado no último Festival de Gramado

> *"É uma história sobre o Brasil, sobre o lugar do perdão, do diálogo familiar, dos encontros, que tem toda uma equipe numerosa por trás de si"*
>
> **ALLAN DEBERTON**

Divulgação



Pereira (Lázaro Ramos) e Gugu (Yuri Gomes) em cena: pai e filho numa relação de incompreensão

principal aríete sua consagração na Berlinale, de onde saiu com o Urso de Cristal. No mercado internacional, suas vendas tem sido conduzidas pela M-Appeal, com acordos de distribuição na Dinamarca, Bélgica, Indonésia, Holanda, Espanha, Argentina e Colômbia.

Coroada com o Kikito de Gramado por sua atuação nessa saga afetuosa de reencaixes, Teca Pereira, uma paulistana de 74 anos, essencial aos palcos da maior metrópole do país desde a década de 1970, encara o êxito mundial de um filme repleto de pessoas pretas como o marco de uma travessia decolonial. "É uma conquista. Todos temos coisas a resolver, num processo histórico que foi andando, melhorando com muita luta e muito empenho, por conta da boa vontade de nós, pretos, de resistirmos", disse a atriz ao Correio da Manhã na Serra Gaúcha, a minutos de ela ser ovacionada por seu desempenho como Dilma, a avó cheia de vida de Gugu, o papel de Yuri. "Foi muito delicado o trabalho com o Deberton, de uma precisão grande, pois

onde tinha muito, ele tirava; onde tinha pouco, ele colocava".

O ponto mais tenso dessa construção foi encontrar a gradação do estágio de demência que Dilma apresenta logo que "Feito Pipa" arranca. É ela quem cuida de Gugu, um craque de bola na casa dos 11 anos, bom à pampa no futebol, orgulhoso de sua destreza e em paz com a sua orientação LGBTQIAPN+. Sua mãe morreu assassinada, em função de seu envolvimento na luta acerca de uma barragem. Essa morte é apenas um sussurro na trama, que investiga o tema habitualmente explorado pela obra de Deberton (a aceitação) na relação entre Gugu e seu pai intolerante, o caminhoneiro Batista (vivido por Lazinho), que já formou uma nova família, num segundo casamento.

Dilma ama Gugu seja lá sob que bandeira ele estiver. Mas ao dar sinais de que está se esquecendo de elementos cruciais do seu dia a dia, inclusive do menino, ela terá de buscar um novo caminho. O mesmo vale para o Don Quixote mirim encarnado por Yuri. Na estética de Deberton, seu Cavaleiro da Alegre Figura sonha com um Nordeste de tolerâncias.

"Nesse filme, a expressão 'amor' vem desde o meu desejo de fazer cinema, de contar alguma coisa para as outras pessoas. É uma história sobre o Brasil, sobre o lugar do perdão, do diálogo familiar, dos encontros, que tem toda uma equipe numerosa por trás de si", diz Deberton. "No que a gente avança pelo mundo, toda uma indústria, que se fez no Ceará, caminha junto. Hoje, no exterior, nós estamos sendo reconhecidos num lugar próspero. Espero que, aqui dentro, a partir deste 5 de novembro, que é a nossa estreia oficial, o Brasil consiga conhecer, um filme para a família, sobre sonhos, sobre memórias".

Divulgação Netflix



'Vicentina Pede Desculpas' tem Rejane Faria em estado de graça

Principal rival de "Feito Pipa" no rol de longas finalistas para a escolha do nosso representante ao Oscar, "Vicentina Pede Desculpas" será lançado na Netflix no próximo dia 20, mas, nesta quinta-feira, estará disponível em diferentes salas do país, com distribuição Malute.

Produzido pela Filmes de Plástico, de MG, esse drama crepuscular fez sua primeira aparição no Festival de Tortonto, o TIFF, no Canadá, e passou em San Sebastián, na Espanha, em concurso pela Concha de Ouro. Ganhou por lá Menção Especial na entrega do Prêmio SIGNIS. Na 28ª edição do Festival do Rio, em outubro, o longa foi laureado nas categorias Melhor Direção e Melhor Roteiro, assegurando dois troféus Redentores para seu realizador, Gabriel Martins. Também foi o eleito do Júri Popular, no gosto carioca.

Em "Vicentina Pede Desculpas", Rejane Faria tem uma atuação em estado de graça vivendo uma professora aposentada, de 75 anos, que precisa lidar com a morte do filho, num desastre rodoviário, administrando as dúvidas (e suspeitas policiais e jurídicas) que cercam a tragédia. Seu rebento, chofer de ônibus, era o condutor do coletivo que caiu de um viaduto. Sem saber se o rapaz errou na condução ou se teve alguma culpa ao volante, Vicentina resolve visitar as famílias das vítimas e se desculpar com cada uma delas.

"Minas é um estado grande. Os vários rostos que aparecem no ônibus no início da história da Vicentina nos contam a história de pessoas que se mudaram de outras cidades mineiras, às vezes, algumas bem pequenas, para uma região metropolitana como BH, onde parte do filme foi feito, sendo que eu venho de Contagem", diz Gabriel. "Sendo ficção ou não, um filme é sempre o documentário de um tempo". (R. F.)